

Resumo

A pesquisa, de caráter descritivo, investigou o estímulo à criatividade no curso de Enfermagem de uma universidade pública de Brasília. Utilizou-se como referencial o modelo teórico de Renzulli que destaca o enfoque triádico no ensino: professor, aluno e currículo. Participaram do estudo 15 docentes e 65 discentes que responderam o *Questionário de Avaliação de Procedimentos Docentes*. Os resultados indicaram que enquanto os professores consideraram que estimulam a criatividade dos alunos, estes discordaram de seus mestres. Constatou-se ainda que os professores se avaliaram como significativamente mais criativos do que os seus alunos ao passo que estes se julgaram e a seus colegas como significativamente mais criativos do que os seus professores. Ambas amostras enfatizaram que o currículo do curso não favorece a criatividade.

Descritores: criatividade; educação em enfermagem; ensino superior

Abstract

This descriptive study investigated the extent to which creativity has been fostered in a public university undergraduate Nursing program in Brasília, Brazil. Renzulli's theoretical model was used as a reference, which encompasses three elements – teacher, learner, curriculum. Data were gathered through the Teaching Practices Evaluation Questionnaire, completed by 15 professors and 65 Nursing students. Results indicated that while professors considered that they stimulate student's creativity; students disagreed on that point. Professors rated themselves as significantly more creative than their students, whilst students judged themselves and their colleagues as significantly more creative than their professors. Both samples emphasized their opinion by saying that curriculum in their program of study does not foster creativity.

Descriptors: creativity; nursing education; higher education

Title: Creativity in Nursing Education – a triadic approach: teacher, student, curriculum

Resumen

La pesquisa, de carácter descriptivo, investigó el estímulo a la creatividad en el curso de Enfermería de una Universidad pública de Brasília. Se utilizó como referencial el modelo teórico de Renzulli que destaca el enfoque triádico en la enseñanza: profesor, alumno y currículo. Participaron del estudio 15 docentes y 65 discentes que respondieron al Cuestionario de Evaluación de Procedimientos Docentes. Los resultados indicaron que aunque los profesores consideraron que estimulan la creatividad de los alumnos, estos no están de acuerdo con ellos. Se constató aún que los profesores se evaluaron más creativos que sus alumnos, al paso que los alumnos se juzgaron a sí mismos y a sus colegas, significativamente más creativos que sus profesores. Ambas muestras enfatizaron que el currículo del curso no favorece la creatividad.

Descriptores: creatividad; educación en enfermería; educación superior

Título: Creatividad en la enseñanza de enfermería - enfoque triádico: profesor, alumno, currículo

1 Introdução

Neste intróito, destacamos que a construção desta pesquisa alicerçou-se em reminiscências e ideias profissionais. Além do benefício intelectual-científico, as leituras foram terapêuticas contagiando-nos até o *self* – são vívidas as lembranças da essência da criatividade jorrando aos borbotões nas páginas de obras criativas⁽¹⁻⁴⁾. Boas lembranças das palavras "Saber é sentir o sabor"^(5,73).

Mas, desde a fase embrionária, este trabalho estava amalgamado à célula *mater*: o encontro entre a primeira autora e seu espelho profissional: a Enfermagem. Observando a imagem da profissão refletida no espelho – inexpressiva –, emergiram as questões para se delinear o problema de pesquisa. Assim, a estrutura do estudo advém de momentos reflexivos-catárticos, gerados pela nossa angústia ante o tecnicismo infiltrado há décadas na enfermagem, impedindo o ensino e o exercício profissional crítico, criativo, político e com marcante inserção social.

Vislumbrando novos rumos para a enfermagem, recorreremos ao espírito investigador para coletar e analisar dados empíricos e responder à questão: em que medida a criatividade é contemplada no Curso de Graduação em Enfermagem?⁽⁶⁾. Apegamo-nos à máxima coragem para ser criativo⁽⁷⁾ e dedicamo-nos a esta obra científica, mesmo diante de bloqueios e fatores inibitórios que surgiram nesta trajetória.

2 Revisão da literatura**2.1 Teorias sobre criatividade no processo ensino-aprendizagem**

O estudo sobre o paradigma da criatividade se acentuou devido às mudanças na concepção da inteligência e o surgimento do Movimento Humanista da Psicologia⁽⁸⁾. No pensar humanístico a criatividade é o encontro do ser humano consciente das nuances-mundo, e o processo criativo uma expressão de saúde emocional⁽⁷⁾.

Os primeiros empreendimentos científicos defenderam a tese de que a criatividade é inata, enfatizando os aspectos individuais, estilos de pensar, traços de personalidade, ignorando as implicações do contexto sócio-histórico. Porém, arrazoados hodiernos^(2-4,9-11) explicam que os sujeitos podem se tornar mais criativos, influenciados por fatores extrínsecos como as experiências criativas no sistema família-escola. A teoria sistêmica, por exemplo, apresenta argumentos relevantes para explicar o fenômeno da criatividade, destacando as forças sociais, culturais e pessoais. Para a teoria sistêmica a espécie humana não sobrevive sem o realce criativo e assevera: ser humano significa ser criativo⁽³⁾.

Renzulli⁽⁴⁾ ressalta a interação entre contexto social e expressão criativa. Os principais argumentos referem-se ao encorajamento da produção criativa e das experiências de

* Artigo compilado da Dissertação defendida no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Brasília em 2001.

** Enfermeira. Arte-educadora, Licenciada em Artes Cênicas. Mestre em Educação. Escritora brasileira. Trabalha na Secretaria de Estado de Saúde – Brasília - DF.

*** Doutora em Psicologia. PhD. Docente do Programa de Mestrado da Universidade Católica de Brasília. Pesquisadora CNPq. Orientadora da Dissertação.

E-mail dos autores: onatil@aol.com

aprendizagem. O modelo teórico é representado por três círculos que interagem simultaneamente, correspondendo às estruturas fundamentais do processo ensinar-aprender: professor, aluno e currículo.

A primeira estrutura – o professor – deve apresentar conhecimento da disciplina, dominar técnicas instrucionais e ter romance com a disciplina. Renzulli⁽⁴⁾ apresenta um elenco de atitudes docentes que estimulam a criatividade: visão menos ortodoxa, entusiasmo pelo ensino, estilo menos formal de ensinar, senso de humor, dentre outras. Referindo-se ao aluno – o segundo anel –, a aprendizagem efetiva baseia-se em interesses individuais, estilos de aprender e habilidades cognitivas, afetivas e sociais aliadas ao contexto. É mister que o aluno reconheça as suas habilidades, interesses e estilos de aprendizagem; a escola precisa envolvê-lo em modelos educativos diversos (aulas expositivas, palestras, *role-playing*, simulações, jogos), para ele ser partícipe das atividades afins ao seu estilo de aprender. O currículo é o terceiro anel representado pela tríade: estrutura, conteúdo e metodologia da disciplina e sintonia com a imaginação. O currículo desejável requer um plano escolar de modo que o aluno não seja mero aprendiz.

2.3 Desenvolvimento e estímulo à criatividade no contexto universitário

Na esfera educacional, os estudos sobre criatividade, contemplam o ensino fundamental e médio; sendo escassos àqueles dirigidos ao ensino superior quando neste nível, os alunos deveriam ser estimulados a desenvolver o potencial criativo^(12,13). Assim, num momento de tantas dúvidas e poucas certezas, podemos afirmar que nossas faculdades são, no geral, pouco ou nada criativas”^(14:77). Para este pensar o ensino superior deve comprometer-se na formação de jovens com autonomia intelectual, apaixonados pela busca do saber e cujas atitudes tenham reflexos sociais positivos.

Vale ressaltar uma pesquisa⁽¹⁵⁾ que apresentou dados relevantes: alerta que esta área tem forçado a memorização e o regurgitar de conteúdos excessivos; cita atitudes docentes errôneas como gratificar e aplaudir as respostas programadas às questões programadas; aborda que a raiz do ensino repetitivo advém, em geral, do desinteresse docente pró-ensino criativo e, propõe um modelo de ensino superior criativo mediante a reestruturação metodológica, realizando *workshops* de criatividade, cujo objetivo é a produção de novas idéias.

Atualmente, o ensino superior nomeado Curso de Graduação em Enfermagem - CGE segue as diretrizes do Currículo Mínimo regulamentado pela Portaria 1721/94, incluindo a metodologia da pesquisa na pauta curricular, visando o aprimoramento e a produção científica^(16,17). Ao se examinar a literatura brasileira, observam-se raros artigos focalizando criatividade em cursos de Enfermagem. Ademais, ao cotejar a história da profissão e a publicação dos estudos mencionando criatividade, os mesmos sucederam no contexto da validação do Currículo Mínimo. Dentre as publicações, notou-se que nenhuma era norteadas por dados empíricos em criatividade.

Todavia, cinco destas publicações mencionam metodologias de ensino inovadoras, incluindo a criatividade⁽¹⁸⁻²²⁾. Dentre estas, destaca-se a advertência de que o dogmatismo bloqueia o saber em enfermagem e que o saber necessita aliar-se à estética, à intuição e à criatividade⁽²¹⁾ e o relato de experiência dos autores – alunos de Especialização em Administração dos Serviços de Saúde e Enfermagem – que frente ao trabalho sobre criatividade, analisaram idéias, gerenciaram conflitos, pró solução criativa da temática⁽²²⁾. Afora os artigos citados, chamou-nos a atenção o artigo sobre a teoria de Martha Rogers, *A ciência do ser humano unitário*, cuja ênfase é o potencial criador no universo da Enfermagem⁽²³⁾. Esta teoria descreve o mundo de forma holístico-integrada, contrapondo a

visão cartesiana infiltrada há décadas na enfermagem.

A despeito da tênue expressão criativa na enfermagem, merecem destaque os enfermeiros vanguardistas que lutam contra o tecnicismo, divulgando as bênçãos advindas do ensino criativo. O ensino envolto pela dimensão criativa – quiçá uma diretriz na enfermagem do Século XXI – é uma necessidade. A criatividade é vital para a enfermagem, posto que o ato de cuidar expressa-se de forma global, criativa e criadora e requer profissionais intuitivos⁽²⁴⁾. Em conclusão, o destaque ao aforismo: “sempre precisaremos de criatividade! Esse fato é inegável”^(25:20).

Essa pesquisa decorre de uma questão orientadora básica: na opinião de professores e alunos, o CGE tem favorecido o desenvolvimento e a expressão da criatividade, considerando as três estruturas fundamentais do processo ensino-aprendizagem: o professor, o aluno e o currículo?

Visando facilitar a operacionalização, desmembrou-se o problema em seis questões: Na avaliação dos professores, a atuação dos mesmos em sala de aula favorece o desenvolvimento e a expressão do potencial criador de seus alunos? Qual a avaliação dos alunos sobre a extensão em que os seus professores têm favorecido no decorrer da(s) disciplina(s) que leciona(m) o desenvolvimento e a expressão do potencial criativo de seus alunos? Há diferenças entre a avaliação de professores e alunos quanto à extensão em que a atuação do professor vem favorecendo o desenvolvimento e a expressão do potencial criativo dos estudantes? Como os professores avaliam a si mesmos, os seus pares e seus alunos, em relação ao grau de criatividade? Como os alunos avaliam a si mesmos, os seus pares e seus professores, em relação ao grau de criatividade? De acordo com os professores e alunos, o currículo teórico e prático do Curso de Graduação em Enfermagem tem contemplado o desenvolvimento e a expressão do potencial criativo do estudante?

3 Metodologia

3.1 Sujeitos

Participaram deste estudo 65 alunos de 5º a 8º períodos e 15 professores do CGE, vinculado a uma Universidade Pública do Distrito Federal. Atinente à descrição das amostras, os dados revelaram o predomínio de respondentes femininos: 80% mulheres e 20% homens (grupo docente) e 84,6% mulheres e 15,4% homens (grupo discente). A maior parte dos docentes (60%) tinha entre 36 a 45 anos, sendo que 5 (33,3%) eram Mestres, 5 (33,3%) Especialistas, 4 (26,7%) Doutores e 1(6,7%) Graduados; 10 (66,6%) encontram-se na docência entre 5-10 anos. Predominaram docentes em dedicação exclusiva (60%). No tocante à amostra discente, a idade variou entre 19 e 36 anos. Trinta alunos (46,2%) informaram que trabalham e 35 (53,8%) não trabalham. Ao relacioná-los aos respectivos semestres, observou-se os seguintes grupos: 5º semestre (13 sujeitos), 6º semestre (27 sujeitos), 7º semestre (17 sujeitos) e 8º semestre (8 sujeitos).

3.2 Instrumentos

Utilizou-se um instrumento que permite mensurar os aspectos inerentes à criatividade estimulados pelos docentes^(12,13) denominado de Questionário de Avaliação de Procedimentos Docentes; apresenta-se em duas versões – para o docente e discente –; contém 19 itens sobre desenvolvimento e expressão criativa: traços de personalidade, pensamento criativo, metodologia de ensino e condições da aprendizagem. Cada item apresenta cinco alternativas de respostas, variando de discordo plenamente a concordo plenamente. Adicionalmente, apresenta a Escala de Avaliação do Nível de Criatividade, contendo três itens, visando identificar como professores e alunos avaliam a si mesmos, reciprocamente, e aos respectivos pares – definiram-se sete alternativas em cada item: de nada criativo a extremamente

criativo. Dispõe ainda de uma pergunta aberta que investiga se o currículo do CGE favorece a criatividade.

3.3 Procedimentos e aspectos éticos

O projeto foi previamente analisado pela Direção do Departamento de Enfermagem e Comitê de Ética da Universidade. Após assentimento, realizou-se a pesquisa, explicando aos respondentes – professores e alunos – os objetivos da mesma, aplicando o instrumento após o consentimento livre dos sujeitos, assegurando o sigilo e a não-identificação. Coletaram-se os dados da amostra docente no Departamento, enquanto que dos alunos, nas salas de aulas referentes às disciplinas eleitas: Enfermagem em Saúde Mental 2 (5º Semestre), Enfermagem Médico-Cirúrgica 2 (6º Semestre), Enfermagem em Urgências Pediátricas (7º Semestre) e Enfermagem em Saúde da Comunidade 2 (8º Semestre). Aplicou-se o instrumento no momento do ensino teórico, haja vista a dificuldade no estágio prático.

4 Resultados

Ao analisar as respostas dos professores ao Questionário de Avaliação de Procedimentos Docentes predominaram as opções concordo (valor 4) e concordo plenamente (valor 5) – excetuando os itens 13 e 17 que investigam se a atuação docente é baseada na reprodução de conhecimentos – nestes, as opiniões voltaram-se às opções discordo plenamente (valor 1) e discordo (valor 2). Cotejando tais resultados com a questão 1, os dados permitem interpretar que na avaliação docente, o próprio desempenho favorece a expressão criativa discente. Contudo, percebeu-se variação nas respostas discentes que, em todos os itens do questionário, marcaram desde discordo plenamente (valor 1) a concordo plenamente (valor 5), predominando as opções discordo (valor 2) e estou em dúvida (valor 3). Reportando à questão de pesquisa 2, o resultado revela que os alunos discordam ou estão em dúvida se a atuação docente contempla a criatividade.

Ao comparar a média geral de professores e alunos no questionário verificou-se uma nítida diferença nos resultados amostrais. Para análise estatística da média geral, os valores de dois itens (13 e 17) foram convertidos: as opções discordo plenamente, discordo, concordo e concordo plenamente, foram analisadas com valores contrários: 5, 4, 2 e 1, respectivamente. Após tal conversão, as médias foram assim identificadas: 4,43 (docente) e 2,80 (discente); quanto aos desvios padrões, os valores respectivos foram 0,24 e 0,53. Visando responder à questão 3, aplicou-se o teste t de Student, cujo valor encontrado $t=18,258$ ($p=0,0001$) revelou a média docente significativamente superior à discente. Ao comparar as respostas, notam-se opiniões amostrais distintas acerca das condições favoráveis à expressão criativa.

Referente ao grau de criatividade, observou-se na auto-avaliação docente percentuais similares: 46,7% se julgaram criativos e 46,7% muito criativos. Quanto ao nível criativo discente, 53,3% dos mestres avaliaram-nos criativos, e 26,7% consideraram-nos pouco criativos. Ao avaliar o nível criativo dos pares, 60% considerou-os criativos e 13,3% pouco criativos. Aplicou-se o teste t de Student para analisar as diferenças entre as médias dos três itens, constatando que os docentes se perceberam como significativamente mais criativos do que os seus alunos ($t=3,674$, $p=0,003$). Não foi significativa a diferença entre auto-avaliação docente e avaliação docente dos pares ($t=1,948$, n.s.), assim como a avaliação docente entre seus alunos e seus pares ($t=0,211$, n.s.). Estes resultados respondem à questão 4.

A avaliação discente do nível criativo – sobre si mesmos, pares e professores – indicou que os alunos julgaram-se criativos (47,7%) e muito criativos (23,1%). Ao avaliar os mestres, 64,6% consideraram-nos pouco criativos, e para 16,9% são muito pouco criativos. Atinente aos pares, os alunos julgaram que

50,8% são criativos e 29,2% muito criativos. Mediante o teste t de Student, observou-se que a diferença entre a auto-avaliação discente e dos pares não era significativa ($t=0,085$, n.s.). Porém, constatou-se diferença altamente significativa entre auto-avaliação discente e avaliação discente dos mestres ($t=7,526$, $p=0,0001$), e entre avaliação discente dos pares e mestres ($t=9,959$, $p=0,0001$), indicando que os alunos perceberam a si e aos pares como mais criativos que os seus professores. Tais resultados respondem à questão de pesquisa 5.

Para responder à questão de pesquisa 6, utilizaram-se os dados extraídos da pergunta aberta: de acordo com os professores e alunos, o currículo teórico e prático do CGE tem contemplado o desenvolvimento e a expressão do potencial criativo do estudante? Para a análise qualitativa dos dados recorreu-se a fundamentos reconhecidos no campo científico⁽²⁶⁾; assim, ao elaborar as categorias representativas, concentrou-se na leitura das respostas para apreender o significado dos conteúdos.

A pergunta aberta permitiu duas classes de respostas: na primeira, o participante expressou-se através de sim ou não, e na segunda redigiu uma justificativa relacionada à pergunta. Referente a primeira classe – se o currículo favorece o ensino criativo: 60% dos docentes assinalaram não, 26,7% algumas vezes e 13,3% não opinaram. Quanto aos discentes: 76,9% assinalaram não, 10,8% algumas vezes e 12,3% não opinaram. Após examinar as justificativas – segunda classe –, identificaram-se as unidades de significação, classificando-as em categorias.

Ao final da análise de conteúdo das respostas docentes, identificaram-se sete categorias representativas; dentre estas, as que mais obtiveram frequência foram: *o desenvolvimento da criatividade é contemplado em algumas disciplinas; o currículo influenciado pelo modelo educacional tecnicista e hospitalocêntrico impede o desenvolvimento da criatividade*. Em relação as respostas discentes, identificaram-se 11 categorias representativas; as mais destacadas foram: *o desenvolvimento da criatividade é contemplado em algumas disciplinas; o currículo influenciado pelo modelo educacional tecnicista e hospitalocêntrico impede o desenvolvimento da criatividade; a estrutura curricular caracterizada pela desarticulação entre a teoria e a prática impede o desenvolvimento da criatividade; a falta de tempo e a carga horária reduzida das disciplinas impedem o desenvolvimento da criatividade; atitudes de dominação, poder e repressão, exercidas pelos professores, inibem o potencial criativo do aluno; a falta de criatividade, iniciativa e interesse do professor impedem o desenvolvimento da criatividade; atuação docente e currículo voltados para a reprodução de conhecimento e memorização inibem a criatividade do aluno*.

5 Discussão

Esta trajetória científica alertou-nos sobre a escassez de pesquisas relativas ao estímulo à criatividade no contexto universitário⁽¹³⁾ e a inexistência de pesquisas empíricas sobre o tema criatividade no ensino superior de enfermagem. Portanto, o presente estudo é relevante pela contribuição ao avanço científico, mediante divulgação de dados empíricos gerados a partir das respostas dos sujeitos que integram o ensino de enfermagem: o professor e o aluno.

Ao analisarmos a questão 1, despertou-nos o fato de os professores se auto-avaliarem de modo extremamente favorável, afirmando que estimulam o potencial criativo discente. Cotejando tal resultado com estudos sobre atuação docente na área de enfermagem, verificamos que se contrapõem à história: a prática pedagógica norteadada pelo paradigma cartesiano, uma realidade impregnada há décadas no universo da profissão⁽²⁷⁾. Os estudos sobre docência em enfermagem, geralmente, caracterizam os mestres pela tendência de realizarem o ensino tradicional: “[...] este ensino adquire uma

forma (disciplinar), expressa principalmente, através de instrumentos como o controle do corpo, do tempo[...]”^(28:286) e “[...] em parte, há aceitação e tendência das Escolas de Enfermagem para o ensino tecnológico [...] o ensino é apolítico, ahistórico e desvinculado da realidade [...]”^(29:177-8). Na questão aberta, alguns professores alegaram que o ensino tecnicista é uma barreira à expressão criativa – explicitou-se, porém, que o docente não se referia à própria atuação, mas a de seus pares.

Visando elucidar o resultado – atuação docente favorecedora à expressão criativa discente –, relacionamos hipóteses para compreender o fenômeno apresentado: a) inicialmente, pareceu-nos que os professores transcenderam o ensino tradicional e adotam uma postura criativa na docência, contudo, na nossa acepção, a decisão inovadora é fruto do engajamento somente de alguns; b) as respostas docentes revelam que, para os mesmos, a própria atuação é norteada pela criatividade, pois o Questionário de Avaliação de Procedimentos Docentes fundamenta-se nesta temática. Mas, de fato a atuação docente norteia-se pelos princípios criativos? Esta indagação suscitou-se frente a observação de que o processo criativo requer um trabalho sistemático do professor, que precisa envolver os elementos inerentes à criatividade⁽¹⁴⁾; c) supõe-se que, na utilização da amostra de conveniência ao compor o grupo docente, houve seleção majoritária daqueles que exercem a docência integrada ao Projeto Uni-Brasília; baseamo-nos na resposta de um docente que destacou o aludido projeto como promotor da criatividade.

Atinente à questão 2, verificou-se que os reflexos da criatividade oriundos da prática pedagógica não estão nítidos para os alunos, a despeito do autoconceito docente positivo. Esse resultado permitiu-nos tecer estas considerações: a) as universidades ao serem consideradas pouco ou nada criativas⁽¹⁴⁾ explicam, em parte a opinião discente, ou seja, o professor sem o suporte institucional para atuação criativa; então, o aluno – sujeito do processo – não o perceberá como estimulador da criatividade; b) possivelmente o resultado relaciona-se à composição amostral. Planejou-se a participação de alunos dos últimos semestres, considerando a avaliação destes à performance docente ao longo da trajetória estudantil no curso em foco. Talvez as respostas fossem diferentes com amostra estudantil dos semestres iniciais, conforme detectado em outro estudo de temática similar⁽¹³⁾; c) os resquícios do ensino tradicional no CGE revelam a existência de professores voltados para tal modelo. Supõe-se que os discentes referiram-se a tais professores, que marcaram a trajetória dos mesmos de forma negativa. Corroboram neste sentido diversos estudiosos^(4,11-14) – para estes, atitudes docentes negativas impedem o ensino criativo, pois dificultam a interação professor-aluno, condição básica para a criatividade fluir no ambiente escolar.

Na análise da questão 3, opiniões amostrais distintas evidenciaram que o curso analisado não adota um plano educacional que contempla a criatividade, criando uma lacuna na formação dos enfermeiros devido à raiz do ensino tradicional. Evidenciou-se a seguinte dicotomia: os docentes referem que lutam por uma educação diferente e inovadora; os alunos não reconhecem a atuação docente favorecedora à criatividade, e reclamam do ensino que limita os traços criativos dos mesmos. Tal dicotomia remete-nos à seguinte asserção: “não podemos pretender formar seres criativos com base em posturas passivas e despersonalizadas dos alunos”^(11:165); destarte, é inevitável rever a ação docente. Frente aos resultados, pareceu-nos que não há encorajamento docente para o aluno ser criativo no ensino superior de enfermagem analisado.

Respeitante à questão 4, acerca de si mesmo, o docente avaliou-se criativo, resultado que pode estar associado ao autoconceito, que é um fator importante no comportamento humano, podendo restringir (autoconceito negativo) ou facilitar (autoconceito positivo) o potencial criativo⁽³⁰⁾. Na avaliação docente, a maioria dos pares foi considerada criativa, o que

nos leva às conjecturas: proteção aos pares, preferindo uma resposta positiva aos mesmos; ou a convivência subsidiou-os na análise real do nível criativo do seu par. Quanto à análise dos alunos, julgando-os entre pouco criativos e criativos, deduz-se que o grau criativo docente é equivalente; ou seja, neste enfoque o aluno é o sujeito e o mestre o facilitador, e é condição *sine qua non* que este último seja um modelo de criatividade⁽¹¹⁾.

Ao examinar a questão 5, percebeu-se que os resultados – os alunos se julgarem mais criativos do que os professores – são similares a pesquisa anterior⁽¹³⁾. Nesta questão, considerou-se que a auto-avaliação discente relaciona-se também ao fator autoconceito. Conjecturamos que os discentes, ao considerarem o nível criativo dos pares, equivalente ao de si-mesmos, tenham protegido ou reconhecido o potencial criativo dos colegas. Neste estudo, as lembranças negativas de professores foram elevadas, reforçando a opinião discente acerca do nível criativo dos mestres: pouco criativos. Há relatos discentes denunciando o desinteresse docente ao ensino criativo no curso de enfermagem pesquisado.

No processo analítico da questão 6, desvelou-nos um fato desconhecido: o Departamento de Enfermagem deste estudo até a presente data (2001) não publicou o Currículo Pleno, em atenção à Portaria 1721/94. A validação do Currículo Mínimo do CGE foi um marco histórico, recomendou-se às Escolas: discussão, aprovação e publicação no Diário Oficial da União o Novo Currículo Pleno até Dezembro de 1995 e implantação no 1º Semestre de 1996^(16,17). A hipótese inicial era que, no curso ora analisado o Currículo Pleno vigorasse, visto que o mesmo está inserido no contexto de uma Universidade Pública reconhecida no cenário distrital e nacional como instituição de vanguarda. Ante aos dados, o Curso está deslocado do novo caminho paradigmático educacional. Esta realidade, somada à opinião docente e discente sobre o currículo é preocupante, visto que, não superada, exacerba o problema levantado neste estudo: o ensino tecnicista.

Ademais, a concepção tecnicista teimosamente continua no século XXI, pois o currículo de enfermagem ainda centra-se no modelo que ressalta as dicotomias: básico-profissionalizante, ensino-serviço, teoria-prática. Em tal concepção, os elementos do processo ensino-aprendizagem – professor, aluno e currículo – apegam-se à minimização do saber e ao aspecto biológico da doença. Por conseguinte, a visão fragmentada causa prejuízos na formação do enfermeiro, pois ressalta o pensamento convergente e a reprodução do saber que impedem desenvolver o ensino norteado pela dimensão criativa.

Não obstante a auto-avaliação docente positiva sobre a própria atuação, entendemos que o curso de Enfermagem selecionado não está envolvido pela dimensão criativa integralmente: primeiro, está preso a uma estrutura curricular arcaica; segundo, os discentes não observam os reflexos da criatividade na prática docente; terceiro, nem docentes nem discentes consideram que o plano curricular favorece o processo ensino-aprendizagem criativo. As respostas qualitativas que emergiram de ambas amostras explicitam que não existe a inter-relação das três estruturas fundamentais – professor, aluno e currículo – preconizada na teoria de Renzulli⁽⁴⁾.

6 Conclusões

Com efeito, o fenômeno criatividade não pode ser estudado isolando o sujeito do contexto social. É mister conhecer a diretriz que a escola adota: se está direcionada para aquisição de conhecimentos, competências e habilidades; ou está envolvida por um conjunto de decisões favoráveis ao desenvolvimento e à expressão criativa discente. Destarte, ao tecer as considerações a respeito da criatividade no ensino superior de enfermagem, é indispensável reportar-se aos diplomas legais que regulamentam as diretrizes curriculares

desta área do saber. Neles, estão registradas as orientações atinentes às novas concepções desta modalidade de ensino; o teor destes documentos é incisivo quanto à necessidade de mudar as mentalidades dos agentes educacionais – gestores, coordenadores, docentes. Todos devem somar esforços pró-ensino significativo, considerando que o aluno está inserido em um mundo globalizado que requer dele soluções criativas ante as situações novas a que está exposto^(11,14,25,31-34).

No campo saber-enfermagem, há inúmeros problemas e situações complexas a serem resolvidas, exigindo, dos profissionais, o perfil criativo. Suprir esta demanda é tarefa da educação⁽¹⁴⁾, por isso o professor deve atentar-se às mudanças no contexto social, destacando que toda decisão curricular deve ser delineada pela decisão valorativa, objetivando a formação global do ser humano⁽³⁴⁾. A atuação do professor é relevante, pois requer do mesmo visão prospectiva em relação ao papel que o aluno desempenhará no futuro profissional. Por isso, adotar o ensino criativo no curso de Enfermagem em questão, requer ação conjunta de todos os envolvidos. É imperativo inovar e vivenciar a interação proposta por Renzulli⁽⁴⁾ entre professor, aluno e o currículo.

Por fim, a nossa esperança como pesquisadoras-enfermeiras é testemunharmos o momento histórico em que a enfermagem transcenderá as barreiras em prol do ensino criativo. Enquanto esse tão almejado momento não chega, congregamo-nos com o ideal apregoado de que chegou o tempo de reencantar a educação⁽¹⁾. *AHA!*¹ O tempo favorável para desenvolver criativa(-)mente o processo ensinar-aprender na área de enfermagem é AGORA!

Referências

1. Assmann H. Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis (RJ): Vozes; 1998. 251 p.
2. Csikszentmihalyi M. A psicologia da felicidade. São Paulo: Saraiva; 1992. 423 p.
3. Csikszentmihalyi M. Creativity: flow and the psychology of discover and invention. New York: Happer Collins; 1996. 456 p.
4. Renzulli JS. A general theory for the development of creative productivity in young people. In: Mönks FJ, Peters W, editors. Talent for the future. Assen/Maastricht: Van Gorcum; 1992. 297 p. p.51-72.
5. Alves R. Estórias de quem gosta de ensinar: o fim dos vestibulares. São Paulo: ARS Poética; 1995. 159 p.
6. Silva O. A criatividade no ensino superior de enfermagem à luz dos componentes do processo ensino-aprendizagem: o professor, o aluno e o currículo [dissertação de Mestrado em Educação]. Brasília (DF): Universidade Católica de Brasília; 2001. 103 f.
7. May R. A coragem de criar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1982. 143p.
8. Alencar EMLS. Dimensões psicológicas e sociais da criatividade. In: Almeida LS organizador. Cognição e aprendizagem escolar. Porto: Apport; 1991. 212 p. p. 127-46.
9. Amabile TM. The social psychology of creativity. New York: Springer-Verlag; 1983. 245 p.
10. Arieti S. Creativity: the magic synthesis. New York: Basic Books; 1976. 448 p.
11. Martinez AM. Criatividade, personalidade e educação. São Paulo: Papirus; 1997. 206 p.
12. Alencar EMLS. Developing creative abilities at the university level. European Journal for High Ability, Bonn 1995 Jan/Apr;6(1):82-90.
13. Alencar EMLS. O estímulo à criatividade no contexto universitário. Psicologia Escolar e Educacional, Campinas (SP) 1997 maio/ago;1(2/3):29-37.
14. Castanho MELM. A criatividade na sala de aula universitária. In: Veiga IPA, Castanho MELM, organizadoras. Pedagogia universitária: a aula em foco. Campinas (SP): Papirus; 2000. 248 p. p.75-89.
15. Paulovich A. Creativity and graduate education. Molecular Biology of the Cell, Bethesda (MD) 1993 Jun;4(6):565-8.
16. Ministério da Educação (BR). Portaria Nº 1721 de 16 de dezembro de 1994: currículo Mínimo do Curso de Enfermagem. Diário Oficial da União, Brasília (DF) 1994 dez 16;Seção 1:19.801-2.
17. Ministério da Educação (BR). Conselho Federal de Educação (CFE). Parecer nº 314/94: currículo mínimo para o Curso de Enfermagem. Brasília (DF); 1994. 17 p.
18. Figueiredo NMA, Silva ICM, Porto IS. Ensino e prazer. Revista de Enfermagem da UERJ, Rio de Janeiro 1993 nov;1(2):88-91.
19. Scoz TMX, Nascimento ERP. Forma alternativa de ensinar, aprender e avaliar. Revista de Ciências da Saúde, Florianópolis (SC) 1994 jan/jun;13(1/2):108-16.
20. Garcia AMGS, Silveira MFA. Um caminho de liberdade: a experiência da disciplina semiologia e semiótica. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 1998 abr/jun;51(2):231-44.
21. Silva AL, Arruda EN. Referenciais com base em diferentes paradigmas: problema ou solução para a prática de enfermagem? Texto e Contexto: enfermagem, Florianópolis (SC), 1993 jan/jul;2(1):82-92.
22. Haviaras CC, Faria TMA, Vasconcelos CMCB, Conceição MB, Jesus NM. Inovar compartilhando idéias: construindo uma reflexão em grupo. Texto e Contexto: Enfermagem, Florianópolis (SC) 1996 jul/dez;5(2):271-81.
23. Sá AC. A ciência do ser humano unitário de Martha Rogers e sua visão sobre a criatividade na prática da enfermagem. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo 1994 ago;28(2):171-6.
24. Baraúna T. Criatividade: uma necessidade para a enfermagem. Nursing: Revista Técnica de Enfermagem, São Paulo 2001 fev;4(33):8-9.
25. Virgolim AMR, Fleith DS, Neves-Pereira MS. Toc, toc... plim, plim!: Lidando com as emoções, brincando com o pensamento através da criatividade. São Paulo: Papirus; 1999. 192 p.
26. Martins J, Bicudo MAV. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes; 1994. 110 p.
27. Germano RM. O poder e o saber em enfermagem: ensino, pesquisa e assistência: exposição sobre ensino. In: Anais do 47º Congresso Brasileiro de Enfermagem; 1995 nov 19-24; Goiânia (GO), Brasil. Goiânia (GO): ABEn; 1996. 273 p. p. 105-7.
28. Lunardi VL. Relacionando enfermagem, gênero e formação disciplinar. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 1993 jul/dez;46(3/4):286-95.
29. Meyer DEE. Ao olhar-se no espelho, a enfermeira não tem gostado da imagem que aí vê refletida... Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF), 1992 ago/set;45(2/3):176-82.
30. Alves ED, Moraes AS, Costa LAT. Encontros e desencontros da interdisciplinaridade: contribuições de uma experiência para o currículo da enfermagem. Revista de Saúde do Distrito Federal, Brasília (DF) 1997 jul/set; 8(3):11-6.
31. Alencar EMLS. Criatividade. Brasília (DF): Editora da Unb; 1995. 149p.
32. Alencar EMLS. La escuela y el desarrollo del talento creativo. Ideacción, Valladolid 1996 dic;9:12-6.
33. Alencar EMLS. Challenges to the development of creative talent. Gifted and Talented International, West Lafayette (IN) 1995 Apr;10(1):5-8.
34. Câmara JS. Bases fundamentais para a elaboração do currículo. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília (DF) 1981 jan/jun;9(1):1-5.

Data de Recebimento: 30/08/2003

Data de Aprovação: 20/03/2004

¹AHA! - termo utilizado por Csikszentmihalyi (1996) referindo ao momento particular quando o insight emerge do subconsciente conectando com as idéias e surge a solução de um determinado problema.